

Ódio humanista e o combate às drogas¹

Thiago M. S. Rodrigues

Um evento e tanto, a abertura da 4ª Semana Anti-drogas, dia 19 de junho, em Brasília. De início, foi divulgada pesquisa do Cebrid (Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas), realizada em 2001 e que revelou que mais de 9 milhões de brasileiros já usaram alguma droga legal ou ilegal (número que equivale a 19,4% dos habitantes das 107 maiores cidades do país). Em seguida, sob a reverberação dos dados e na presença dos atores globais que protagonizaram ‘flagelados das drogas’ em recente telenovela, Fernando Henrique Cardoso clamou pela adoção imediata da doutrina da tolerância zero para combater toda a impunidade no país, destacando o combate ao narcotráfico. O presidente e seu ministro-chefe do gabinete de segurança institucional, Alberto Cardoso, não puderam evitar certo contorcionismo para justificar o aumento da repressão ao tráfico diante das informações do Cebrid que indicam 20% de ‘dependentes’ de drogas legais (álcool e tabaco) e pouco mais de 1% de ‘adictos’ em substâncias ilegais (maconha liderando). A saída apareceu, uma vez mais, no discurso que reconstrói a figura do usuário, transformando-o em ‘doente’ a ser capturado não mais pelo sistema carcerário, mas por uma rede médico-assistencial que deve ‘reabilitá-lo’ em sua ‘saúde’ e para o convívio social (objetivo a ser logrado através da Justiça Terapêutica, tribunal de pequenas causas destinado a encaminhar usuários para tratamento – a mais nova importação de um projeto estadunidense de combate às drogas). O número expressivo de usuários de drogas é lido por lentes repressivas que tomam um novo foco, tão-somente mais humanista. Não é percebido, contudo, como prova de que há uma prática social muito difundida – a do uso de psicoativos –, opção de muitos e que não conduz à temida ‘desintegração social’.

¹ Publicado originalmente em junho de 2002 no Hypomnemata, boletim eletrônico mensal do Núcleo de Sociabilidade Libertária (Nu-Sol) da PUC-SP.